

Voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXI | #122 | nov/dez 2011

Montanhismo
Agulha do Diabo RJ

Big Wall
Pedra do Sino RJ


SNAKE
reach the top

www.snake.com.br

*"Quando estou nas montanhas
em trilhas inóspitas
o que menos me preocupa
é onde vou pisar"*

Edmilson Padilha
Atleta Snake

Andina DRY
X-TREME

vibram

Outlast

CORDURA

Sympatex

Neoprene

CONHEÇA A
**LINHA
PRO**
2012

Mountaineer 50+15L 2012

Menos peso, mais performance!



A mochila que já nasceu campeã!
Eleita com melhor custo-benefício pelo Guia de Equipamentos 2011 da revista Go Outside.



Comfort Fit System
Novo costado que permite ajuste preciso da mochila de acordo com a altura do usuário de forma prática e eficaz.



www.curtlo.com.br

www.youtube.com.br/curtlobrasil www.facebook.com/curtlobr
www.twitter.com/curtlobr



Produzido no Brasil

Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Se você escala ou pratica esportes ao ar livre é porque preza estar em ambientes livres, bonitos, amplos, que tragam paz e tranquilidade. Você com certeza se inspira e se motiva ao ver um pôr do sol, uma montanha belíssima, uma vegetação exuberante, e se enche de vida ao respirar ar fresco e puro. Possivelmente na sua infância você subiu em várias árvores, andou e acampou em leito de rio, correu a cavalo, comeu manga do pé e mais um monte de coisas maravilhosas. E mais ainda, você teve pais ou padrinhos ou até mesmo amigos, que fizeram você vivenciar essas experiências, passando a apreciá-las e até mesmo incorporando-as como hábito ou como estilo de vida.

Hoje tudo parece mais difícil. A cidade aumentou e o verde encolheu. Você tenta andar de bicicleta e comer orgânico, mas respirar ar puro parece até mesmo utópico. A correria do dia a dia e a busca por trabalho obrigam mesmo quem não gosta, a morar na cidade, e muitas dessas vivências simples e belas se perdem. Se para nós é difícil, que ainda pegamos o carro e fugimos no final de semana, para as crianças parece impossível.

Os pequenos de agora não sabem de onde vem o leite, nunca ralaram o queijo, e não precisa nem a mãe dizer pra não voltar pra casa depois de escurecer porque elas nem saem de casa até escurecer jogando seus videogames. Parece não haver um equilíbrio entre tecnologia e os antigos valores do bem viver: pegar sol, correr, conhecer outros lugares e culturas, viver a natureza, sorrir, conversar, aprender com a terra, com o mar, com o sol.

Mas felizmente essa também é a preocupação de algumas entidades, empresas e atletas. Não no Brasil, ainda, claro. Mas iniciativas como essas com certeza são multiplicadoras. Uma empresa conhecida por ser líder mundial no segmento outdoor há mais de 40 anos, além de implementar uma série de medidas sustentáveis na produção de seus produtos, como mitigações e compensações nas emissões de carbono, lançou um programa de incentivo as atividades outdoor principalmente direcionada as crianças. O Programa chamado "Explore Fund - Helping kids discovering nature playground (algo como Exploração divertida - ajudando crianças a descobrir o playground natureza)" tem o apoio de diversos escaladores e tem o objetivo de inspirar e ajudar a próxima geração a explorar e vivenciar a natureza oferecendo para isso financiamento



a organizações sem fins lucrativos (ONG's) a realizarem projetos com este mesmo fim. Eles alegam que incentivando os jovens a uma vida ao ar livre, estão formando pessoas mais esclarecidas intelectualmente e favorecidas emocionalmente, aptas a um convívio social melhor e ainda, principalmente, motivadas a preservação das áreas naturais do planeta. Ou seja, paralelamente aos programas de recuperação e de preservação em áreas degradadas ou quase isso, é importante formar pessoas capazes de gerir e de viver em um ambiente melhor.

A empresa exige que a instituição candidata e os projetos apresentados preencham alguns requisitos. Eles têm que ser voltados à comunidade, possuir objetivos específicos e detalhados além de valorizar aqueles de ampliação de locais com áreas verdes e abertas. Nada de projetos de pesquisa, campanhas políticas, palestras e congressos. O jovem ou criança terá que vivenciar o que a instituição propõe a ensinar. O fundo não cobre salário de ninguém, mas se propõe a construir um parque, um muro

de escalada, a 'derrubar os muros' como dito no programa. A Big City Mountaineers é uma instituição parte disso desde o ano passado. Foi contemplada com o recurso e focou justamente na recuperação de jo-

vens e crianças através das atividades e esportes ao ar livre como a escalada. Ela ajuda mais de 10.000 crianças por ano, que, de outra forma poderiam nunca ter tido a oportunidade de ter tal diversão e atividade inspiradora participando de expedições e clínicas de escalada. O lema da campanha parece simples: 'If I can make it up that mountain, I can do anything', o conhecido se eu posso subir essa montanha, posso fazer qualquer coisa, mas que faz uma grande diferença para aqueles que nunca tinham parado pra pensar nisso.

Essa mesma empresa conta com o apoio de conhecidos escaladores para o projeto 'Summit for Someone' ou seja, escalar por alguém. O escalador atinge não apenas o cume como também arrecada fundos de apoio a jovens e crianças. Bennet Barthelemy e Cedar Wright escalaram enormes paredes de granito na Ásia e uma das maiores formações vulcânicas na Malásia (Tioman Island) conhecida como Dragon Homs em busca de diversão e filantropia. Qualquer escalador pode participar, basta se inscrever no programa, escolher o destino entre os oferecidos, pagar pelo serviço, que inclui guia e alguma estrutura. Ou ainda você pode entrar no site e apoiar os escaladores inscritos. Para 2012 são dezoito previstos, com diferentes destinos que variam desde as montanhas da América do Norte até o Himalaia.

Com certeza, os dias que passamos nas montanhas são aqueles em que fortalecemos nosso caráter, nossa humildade diante do maior, nossa confiança em nós mesmos e em nossos companheiros, nossa clareza de idéias e ideais e nosso respeito, tanto a natureza, quanto aos nossos limites e ao dos outros. E isso deve ser passado a diante, seja como for.

Para todo dia, uma grande aventura



Crampon 25

Ref. 0025 - Mochila para uso urbano e em ataque a montanhas, com estrutura em placa rígida e acolchoado reforçado nas costas e alças. Acesso principal por zíper, com reforço de engates para evitar abertura accidental. Vem com suporte para hidratação, capa de chuva embutida e fita peitoral. Possui acesso também pelo fundo, facilitando o acesso. Seu amplo bolso frontal possui organizadores. Vários pontos em alça servem para prender mosquetões e itens longos. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em lona de náilon e tecido ripstop.

Crampon 27

Ref. 0027 - Modelo para uso em caminhadas curtas ou uso urbano, vem com abertura superior por zíper, dando acesso ao amplo espaço interior, onde tem divisória para suporte a sistema de hidratação, que também pode ser usada como organizador. Vem com capa de chuva embutida, alças e apoio das costas acolchoados e peitoral. Os apoios são separados para ajudar a ventilação e as costas possuem armação em placa rígida. Aplique refletivo para segurança à noite. Feita em tecido ripstop.



Vestuário



Mochilas



Sacos de dormi



Acessórios

www.trilhaserumos.com.br

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis- RJ - (21) 2742-9652
Fax (21) 2742-5781 - CEP 25954-195 - sac@trilhaserumos.com.br

"A melhor forma de avaliar um produto em situações extremas é perceber que ele funciona tão bem que você nem se lembra que ele está lá, cumprindo sua obrigação. Os produtos da SOLO® tem me proporcionado isso."

Eliseu Frechou

Vista sua liberdade. www.solobr.com SOLO

Sumba Boulder 2011 A união fez a base

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Parece até clichê dizer que a união fez a base. Não, a união não fez só a base. A união fez a força. Força que moveu, durante quase 2 meses, várias alavancas pela comunidade climber de São Bento do Sapucaí. Moveu toneladas de pedras e galhos, trouxe o despertar de uma nova visão sobre o que é se doar para a escalada, sobre motivação conjunta para acordar muito cedo sabendo do árduo trabalho pelo dia que seguia, tocando linhas maravilhosas de boulders. Trabalhando na base e retoques de alguns blocos e unindo toda uma comunidade num só objetivo: a paixão pela escalada e pela vontade mútua de fazer o esporte se desenvolver na região. Assim começou o Sumba Boulder. De um point incrível e inédito descoberto pelos olhos caçadores de pedra, eu diria até que biônicos de Arjuna Sundara, aliado à necessidade de SBS se sediar mais um grande evento de escalada e, acima de tudo, reunir de uma vez por todas toda a comunidade climber, seja ela local, estadual ou nacional num só evento.

Tudo começou pela ideia de se realizar um festival de escalada após tanto tempo (o último BLOX foi em 2003), e com um novo point nas mãos, os planos se concentraram em oferecer uma competição nos moldes das competições em muro, só que na rocha, aliado a uma enorme quantidade de linhas a serem exploradas para todos os níveis de escaladores. Como este trabalho era o mais fácil, o árduo mesmo foi ajustar todas as bases, pois, caso houvesse quedas não desejadas, a base estaria nos mais altos padrões para uma aterrissagem segura (a INFRAERO aprovou). Todos os domínios foram limpos e algumas espécies de plantas foram retiradas cuidadosamente e replantadas em outro local; todo o mate-

rial utilizado para contenções e barreiras para bases foi disponível do solo após as podas de inverno feitas pelos proprietários das terras de toda a região. E assim foram 4 meses de trabalhos incessantes toda semana no point, e entre uma enxadada e outra, rolava mesmo (apesar de muito cansados) testar algumas das maravilhosas linhas lá existentes.

Paralelo ao trabalho árduo, toda uma rede de informações foi criada para atender a web, com blog, Facebook, vídeo teaser, cartazes, etc. Correr atrás de apoios só foi possível, mesmo com pouco tempo disponível, graças aos eternos parceiros do climb, escaladores de raízes que depositam parte de suas empresas para apoiar todo e qualquer evento de escalada. Comerciantes de SBS se atraíram pela causa, além dos escaladores locais que possuem algum tipo de comércio e se doaram em prol do evento. E no fim, ou começo, o Sumba Boulder contou com um montante de prêmios que superou as expectativas da organização, que até os últimos dias não sabia como seria o retorno, mas que, após um trabalho exemplar de divulgação, o evento passou a ser muito esperado até a data, tomou grandes proporções além das metas até então estabelecidas.

No sábado ensolarado do dia 1 de outubro, todos se reuniram na Montanhismus para a retirada de camisetas, mapas e um briefing sobre a competição, que começou no point Áreas com o desafio masculino e, após algumas horas, graças ao Route Setter responsável, Mr. God, que proporcionou linhas lindas e um toque especial com os 3 boulders encadenados por Felipe Camargo, no femini-



no Mr. God também deu uma pincelada nos boulders e intensidade, com Thais Makino realizando as 3 linhas do desafio. O sol apareceu forte, mas antes ele do que a chuva. A galera se divertiu demais nos 2 dias de evento, nas mais de 70 linhas abertas.

A festa de premiação na Montanhismus à noite, regada de uma vibe fenomenal, reuniu todas as tribos da escalada. Prêmios foram sorteados e os elogios se estenderam noite adentro referente a um evento marcante, onde todos os presentes estavam extremamente satisfeitos, independentemente de resultados, cadenas ou desafios.

O que fica mais marcante para nós foi a satisfação geral. Em 20 anos de escalada, muitas horas participando de eventos, e ultimamente por traz deles, não me recordo de um onde não houvesse algum tipo de incidente ou reclamação. O bombardeio de elogios superou em muito todos os níveis de expectativas da organização, marcando uma nova fase dentro da escalada, onde tudo isso só foi possível graças a uma fórmula


que não é secreta, mas sim difícil de ser executada: a união por um ideal, que conciliou os melhores pontos de vista e experiência de vários nomes, um evento feito por escaladores e para os escaladores. Com esta receita o resultado foi mais que disfrutado, entrou para a história da escalada não só para SBS, mas para a escalada nacional.

Agradecimentos a toda equipe Sumba Boulder (Sundara, Carlera, Paulinha, Nivea, Cláudio, Yuri, Gibara, Cacá Nisi, Lello, Aranha, Cassinho, Moisés, Alan, Francisco e Rogerinho). Aos nossos apoios: Conquista Montanhismo, Mundo Vertical, SOS Sapatilhas, Belê Pad, Curtio, Casa de Pedra, Evolv, 4Climb, Montanhismus, Alto Posto Barracão, Casarão, Chalé Cláudio e Yuri, Chalé do Arjuna Sundara, Abrigo do Aranha, Arca Móveis, Pousada Canto da Lua, Restaurante Sabor e Arte, Vita Pharma e Prefeitura de São Bento do Sapucaí. Não esquecendo jamais os escaladores e público que compareceu em peso. Obrigado!

Boas escaladas e até o Sumba Boulder 2012.

www.mountaininvoices.com.br


Desde 1989 formando montanhistas de todo o Brasil

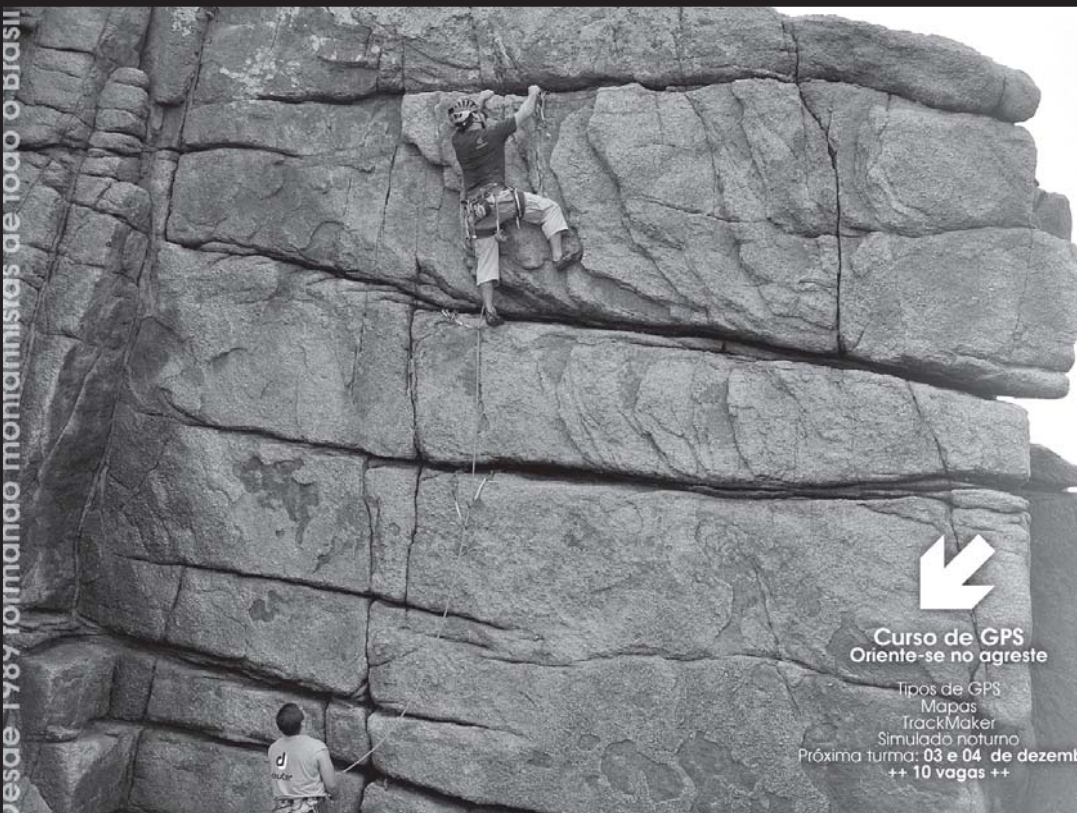



Escola de Escalada
Desde 1989

Curso Básico
Reciclagem
Acompanhamento
Curso Avançado
Guias de Montanha

São Bento do Sapucaí - SP
(12) 3971.1470
montanhismus.com.br


Snake Solo 





Curso de GPS
Oriente-se no agreste

Tipos de GPS
Mapas
TrackMaker
Simulado noturno
Próxima turma: 03 e 04 de dezembro
++ 10 vagas ++



Primeiros Socorros
em Areas Remotas

WFA-Wilderness First Aid
Certificação internacional pelo
ECSE - Emergency Care and
Safety Institute (EUA) e
Padilha Treinamentos
Próxima turma: 29 e 30 de outubro
++ vagas limitadas ++

HI-TEC
INSPIRED BY LIFE

HI-TEC V-LITE FASTHIKE II MID WP PARA AQUELAS QUE GOSTAM DE AVENTURAS

A Hi-Tec desenvolveu a bota feminina V-Lite Fasthike II MID WP para que você possa se superar em todos os tipos de terrenos. A bota oferece uma série de tecnologias avançadas e exclusivas para sua segurança e conforto. Sistema de projeção V-Lite que deixa o calçado até 25% mais leve, membrana de impermeabilização Tec-proof para manter seus pés secos, palmilha Comfort-tec com anti-bactericida para evitar fungos e odores, entressola de CMEVA para absorver impactos e evitar lesões e solado MDT com aderência superior para evitar escorregões e quedas. Tudo isso com bastante estilo e beleza.



QR CODE
smartphone



WWW.HI-TEC.COM

Monte Khuiten

Brasileiros no gelo da Mongólia

Lisete Florenzano, SP



Pela primeira vez, uma equipe de escaladores brasileiros chega ao cume da mais alta montanha na Mongólia, o Monte Khuiten (4.374m de altitude), em uma das regiões mais remotas do mundo.

Os guias Lisete Florenzano e Manoel Morgado, juntamente com Eduardo Santos Filho e José Roberto Resende foram os primeiros a levar a bandeira verde-amarela para esse cume. Sueli Mantay, que fez parte da expedição, chegou ao campo alto a 3600 metros.

O Khuiten fica na região das montanhas Altai, na fronteira entre a Sibéria, China e Mongólia. Esta região ainda é muito pouco visitada por turistas e escaladores, sendo inclusive difícil conseguir informações sobre a escalada.

Após 6 dias de caminhada pelo Altai Mongol, região lindíssima e habitada pela etnia cazaque, chegamos ao campo base. Nosso plano era escalar o Monte Malchin (4.100m de altitude) para aclimatação. No dia seguinte seguiríamos para o campo alto do Khuiten e no outro tentaríamos o cume, voltando ao campo alto.

Mas as condições climáticas, no campo base, não estavam favoráveis. Chegamos em meio a uma forte nevasca, com dificul-

dade para montar as barracas e muito frio. Fomos dormir torcendo para que o tempo melhorasse...

E assim, os deuses das montanhas nos brindaram com um lindo céu azul, sem vento e com a paisagem toda branca, coberta pela neve. Seguimos ao nosso primeiro objetivo, o Monte Malchin. Com muitas pedras soltas e neve, a ascensão foi um pouco complicada. Todos nós pensávamos na descida, sempre mais delicada que a subida. Chegamos ao último colo, antes do cume, sem saber exatamente quantos metros faltavam (nosso guia local não sabia informar com certeza) e como estavam as condições da neve na aresta depois desse colo. Apesar do bom tempo, Resende e Sueli decidiram descer, pois acreditávamos que o cume ainda estava a 300m verticais deste colo. Resolvi acompanhá-los na descida enquanto o Manoel e o Eduardo seguiram ao cume que para surpresa de todos, estava a apenas 150m verticais do colo... Mas

a decisão foi acertada, pois a neve já estava derretendo, complicando ainda mais a descida. Mas chegamos todos bem, de volta ao campo base.

No dia seguinte, seguimos ao campo alto do Khuiten. Depois de uma hora de caminhada pela morena lateral ao glaciar, paramos para colocar botas duplas, crampons e nos encordarmos. Estávamos com nosso guia de montanha local, Bold, já que tínhamos a informação de que a travessia desse glaciar, o maior do país, era um pouco delicada. Fizemos duas cordadas: Bold, eu, Eduardo e Águan (guia assistente) em uma, Sueli, Resende e Manoel em outra. Foram quatro horas andando pelo glaciar, com muitas gretas pelo caminho, até chegarmos ao campo alto. Durante a subida, percebemos que nuvens pesadas estavam aparecendo por trás das montanhas.

Chegando ao campo alto, rapidamente começamos a cavar plataformas na neve para as barracas, já que o tempo estava

realmente virando. Montamos a última das 3 barracas já em meio a nevasca. Bold, que estava com o fogareiro, derreteu a neve para o nosso jantar: um pacote de comida liofilizada por pessoa. Depois disso, fomos dormir torcendo mais uma vez para que a montanha nos desse uma trégua no dia seguinte.

Acordamos com o vento soprando muito forte em nossa barraca. A nevasca havia parado, mas ao sairmos da barraca percebemos que o vento no cume estava realmente muito forte. Uma nuvem de neve levantava do topo da montanha, resultado dos ventos fortíssimos. Paciência é uma das grandes virtudes do escalador... Entramos e saímos das nossas barracas várias vezes, esperando e observando. O céu ainda estava bastante escuro, com nuvens pesadas e o vento não dava trégua. Começamos a pensar em um plano B. Mas, às 7h da manhã, o céu começou a clarear. Ainda ventava, mas o céu azul nos deu ânimo.



◀ Topo do Monte Khuiten
◀ Caminhada de aproximação

Depois de outros 40 minutos, Bold nos disse que a escalada era possível de ser feita. Rapidamente começamos a nos organizar, comendo algo e nos equipando para a subida. Sueli, que no dia anterior havia se cansado muito, decidiu que iria voltar. Águan desceu com ela rumo ao campo base. Finalmente às 9:30h estávamos prontos para a escalada.

O caminho começou com uma leve inclinação e com neve bastante fofa. Bold foi abrindo a trilha, e Eduardo e eu estávamos em sua corda. Manoel seguia atrás com Resende. Pouco depois a inclinação aumentou bastante, dificultando o trabalho do líder. Percebemos, também, que Bold não estava em sua melhor forma física e parava a cada 5 passos. Começamos a ficar preocupados, pois rapidez na montanha é importante. E não sabíamos como o tempo iria se comportar. Se virasse novamente, teríamos que sair de lá o mais rápido possível.

Assim, Manoel tomou a liderança e começou a abrir a trilha na neve. Melhoramos um pouco nossa velocidade, mas ainda iam lentos. Por outro lado, a montanha se mostrou lindíssima, com neve intocada e rodeada por muitos outros picos bastante próximos.

Seguimos contornando 4 afloramentos rochosos. Em dois trechos a inclinação ficou muito mais forte, chegando a 45 graus, nos obrigando a usar muita energia e técnica nas partes de gelo puro. As montanhas Altai iam se mostrando lentamente, para nosso deslumbre. Enxergávamos cada vez mais longe e o visual era mais e mais fantástico.

Finalmente chegamos à aresta final, que nos levava ao cume. O dia estava perfeito, com o céu azul e sem vento nenhum! Nos sentíamos fortes e ao saber da proximidade do topo nos fez ainda mais ansiosos. E assim, depois de 6 horas de escalada, ao chegar no topo do Khuiten com todos os companheiros da escalada, nos sentimos realizados, felizes e deslumbrados pela beleza do lugar. Vista da Sibéria, com milhares de picos brancos de um lado; um vasto platô semi-árido do lado chinês e os ver-

des vales do lado da Mongólia completavam o cenário. Muitos abraços, declarações e fotos depois, nos deixamos ficar um pouco naquela que é uma das cinco montanhas sagradas para os mongóis.

Depois de 40 minutos no cume, iniciamos a descida pela mesma rota que usamos para subir. Mais uma vez, Bold seguia devagar e quebrava nosso ritmo. Na Mongólia os dias são longos, tem-se luz até 21 horas. Mas mesmo assim, estávamos preocupados com nossa velocidade de descida. Ficar na montanha por muito tempo é cansativo, queríamos chegar logo nas barracas para comer, hidratar e descansar. Mas tudo correu bem, e às 19:30 horas chegamos de volta ao campo alto. Eu, Manoel e Bold começamos a derreter neve e após nosso jantar de comida liofilizada, dormimos.

No dia seguinte, seguimos para o campo base, atravessando novamente o glaciar. Devido ao calor dos últimos dias, as gretas estavam cobertas com pouca neve e volta e meia alguém acabava com a perna toda dentro desses buracos invisíveis. Fomos com muito cuidado. Ao chegarmos no campo base, fomos recebidos pela Sueli e por nosso staff com muitos abraços e congratulações pela escalada... Que coisa boa rever nossa companhia e todo o pessoal. De presente, tivemos um ótimo almoço e o luxo de um banho de caneca com água quente!

Dois dias depois, estávamos no nosso voo indo de volta à Ulaan Baatar. Pensava em tudo o que havíamos vivido nesses dias de trekking e de escalada. Me lembrava da vista do cume, dos inúmeros picos nevados que iam até onde os olhos podiam ver. Observava também meus companheiros de expedição, felizes e realizados, assim como eu. E tudo isso me reforçava e idêntica de que sonhar é preciso e os sonhos podem ser realizados. Como nas escaladas, é necessário uma dose de energia e disposição para os desafios que inevitavelmente irão aparecer. Não importa qual é o sonho... ele será a "montanha" e ser conquistada.



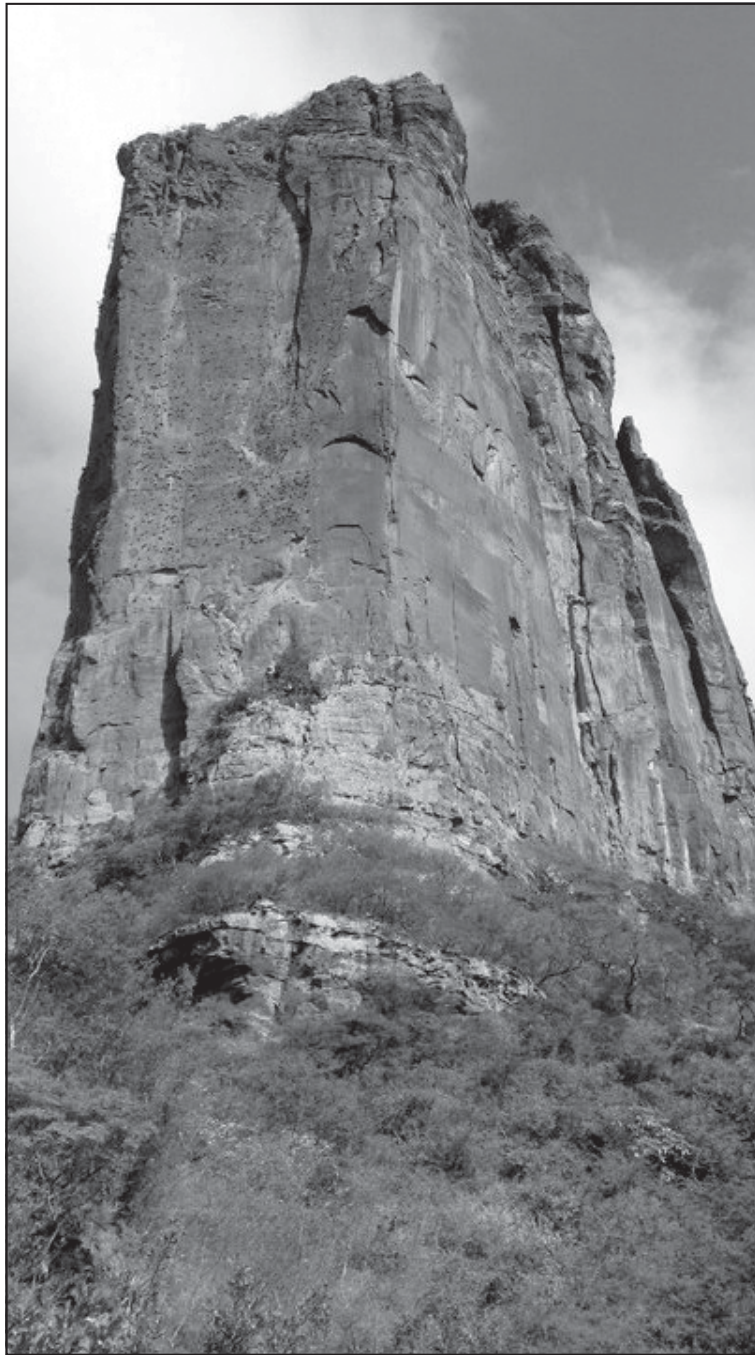
www.basebrasil.com.br

www.halfdome.com.br

Guia de Escaladas de Andradas, Está na HalfDome, está na mão!!!

Al. dos Nhambiquaras, 946
Moema - São Paulo - SP
Tel.: 11 5052-8082

www.mountaininvoices.com.br



Torre de Chochis

Em 2001 estava indo ao Peru para uma travessia e tive que cruzar o oriente boliviano em trem. Esta viagem começa na fronteira Brasil - Bolívia e termina na cidade de Santa Cruz de la Sierra - Bolívia.

Sierra e fazer o montanhismo e a escalada crescerem na região. Em princípio de 2011 já estávamos na Bolívia e junto comigo, meu antigo projeto que já estava por completar 10 anos. Assim que cheguei, entrei em contato com os pouquíssimos e novos escaladores de Santa Cruz. Coloquei o projeto para andar, fui a Chochis pela primeira vez, passei pela base da imensa torre e peguei uma amostra de rocha para comprar ancoragem química, pois a rocha é um arenito bem ruim.

Voltei uma segunda vez a Chochis para pedir autorização na prefeitura pois a rocha está dentro de um santuário Mariano, além de que, é também uma área protegida. Estando tudo certo, marcamos a data de saída para o princípio da conquista. Saímos de Santa Cruz eu (Leonardo Juliano Mangano) brasileiro, de São Paulo, Federico Bueno Aloisio de Mendoza Argentina, Eduardo Diaz de Tarija Bolívia e Jose Luiz Belmont "Lucho" de La Paz Bolívia.

Chegamos a base da montanha bem pesados pelos equipamentos e água. Começamos a proteger a via, e a rocha que parecia firme, se esfarelava ao toque, e grandes pedaços estavam soltos e se precipitam montanha abaixo. Armamos a primeira parada a uns 15 metros da base. Esperamos secar a cola dos grampos e mandamos para cima. Batemos mais uma chapa bem a base da fenda que neste ponto era negativa e entramos na fenda que a princípio se pode proteger com 2 camalot grandes, mas uns 2 metros e meio acima, já não entrava nada. A fenda se alargou e ficou 90° e já não cabia nenhuma peça. Podia-se meter o braço todo e fazer pressão contra o cotovelo e ir mandando pra cima, a progressão era lenta e totalmente desprotegida a mais ou menos uns 12m da última proteção, há uma pedra entalada na fenda como um grande nut, e é isso que me deu um alívio assim que a lajei com um cordillete e costurei. Assim pude respirar.

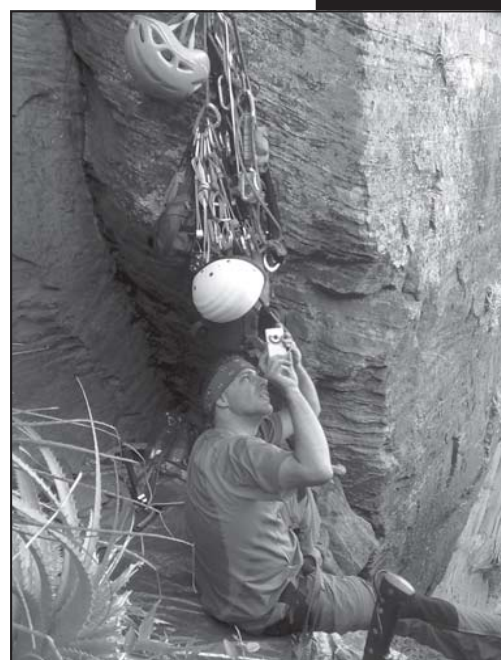
Aproveito para olhar a via de cima para baixo, vejo que este esticão foi super arriscado, em caso de uma queda seria uns 25 metros se chocando com pequenos platos e pontas de rocha, neste ponto a fenda começa a se alargar e já se pode colocar o ombro dentro, depois uma perna até que se transforma

numa chaminá bem apertada e nada de proteção. Há ainda uma passagem por um pequeno negativo, e por fim um platô, ótimo para umas 4 pessoas. Deste ponto podemos subir o equipo e fazer uma parada ótima, a fenda continuava para cima.

Colocamos uma corda fixa ancorada em três pedras boas e descemos, enquanto a ancoragem química da parada secava para o próximo dia. Logo pela manhã, estamos na segunda parada, que já secaram, e faríamos neste dia, um bom uso para elas. A fenda continuava ainda negativa e sem agarras e de um tamanho grande para entrar as peças que tínhamos. Consigo proteger fora da fenda no negativo com duas nuts pequenos e um camalot #1. Sigo progredindo lento e escorregando no pó da pedra instável. A uns 3 metros e meio, a inevitável queda que sacou as 3 peças antes que eu aterrissasse de costas metade no plato e metade no vazio. Batia a cabeça forte na pedra e o capacete cumpriu sua função, os olhos quase saltam da cara. A parada funcionou bem, com a respiração ofegante me concentro. Respiro fundo e volto a parede.

Para evitar outra queda no mesmo lugar faço uso de um piton e estribo para superar o lance, saio

Juliano em um dos platôs



LEONARDO JULIANO | SP

O famoso trem da "Morte" como muitos o chamam, percorre cerca de 650 Km até a cidade de Santa Cruz, perto da metade do trajeto após passar pelo Pueblo de Roboré, começa a Serrania Chiquitana e bem na base desta serrania esta o minúsculo povoado de Chochis, que na língua Chiquitana significa "Fúria del Viento".

Estava à janela do trem, no dia 3 de julho de 2001 por volta das 23h00 com uma imensa lua cheia, quando apareceu uma linda formação de um cerro testemunho que tentei fotografar sem êxito. A imponência daquelaa montanha me chamou muito a atenção.

Chegando em Santa Cruz me informei sobre a montanha que era chamada por eles de A Torre de

Chochis ou a Muela del Diablo. Falaram que nunca ninguém havia chegado no seu cume e junto com as informações um monte de lendas locais, como um lago no cume com ouro, OVNIS, virgens etc...

Acabada minha viagem voltei para São Paulo e entrei na internet a procura de alguma informação, mas na época não havia nada, e isso me chamou mais atenção. Montei um projeto de abrir a primeira via desta montanha. Voltei à Bolívia após anos, mas sempre com destino as montanhas geladas de La Paz, e sempre que ia por terra ficava namorando a Torre de Chochis e pensando no projeto que estava na gaveta.

No final de 2010 decidimos, eu e minha esposa boliviana Cruceña, ir morar em Santa Cruz de la

do negativo, passo pela barriga da fenda e entro na parte positiva, que é puro musgo amarelo. O pé não para de jeito nenhum, e ali fico um bom tempo tentando e pensando até que os braços começam a tijolar. Saco outro piton e o meto-o numa rachadura na horizontal as peças antes que tome outro vôo.

Cheguei numa parte bem tranquila que nos levou até um grande platô, onde foi feita uma parada. Carregamos tudo para cima e nosso amigo Lucho teve que voltar a Santa Cruz, pois seu filhote iria nascer.

No 4º dia seguimos eu, Federico e Eduardo. Avançamos até o Nido de Sucha "ninho do urubu" onde foi feita uma parada, uma química e outra num buraco na rocha.

No 5º dia trabalhamos duro, já com pouquíssima água e um calor medonho. Abrimos caminho no meio de caquitos e outros tipos de espinhos até chegarmos numa canaleta, onde podemos escalar mais seguros e com um pouco de sombra. Chegamos de noite no local da 5ª parada, bati os grampos a noite mesmo para no outro dia ela esta bem seca. Bivacamos esta noite num lugar horrível cheio de "vinchuca" parecido com o bicho barbeiro. As horas passavam e era impossível dormir de sede e pelos bichos. Fomos dormir bem na beirada do precipício com um vento fortíssimo, mas pelo menos sem bicho. Nesta madrugada só restava 1 litro de água para nós três e esse era meu medo.

Assim que começou a amanhecer nos reunimos para pensar o que fazer, seguir sem água até o cume, ou voltar 120 metros abaixo até o acampamento base.

Decidimos seguir. Um gole de água e parti rumo a uma floresta de espinhos que tive que abrir no facão uma pequena trilha para poder passarmos. Deste ponto para cima, não paramos para fazer furo para proteções, usamos tudo que havia arbustos, pedras, árvores etc... Estiquei os 60 metros de corda protegendo onde dava e

seco de sede e com um calor cada vez pior. As 9h30 da manhã, no final da corda estava subindo e olhando para cima até que a última parede estava abaixo dos meus pés e já não havia nada mais a cima. Em uma hora os 3 estavam reunidos no cume da Torre de Chochis pela primeira vez. Um lugar nunca antes pisado, uma escalada dura que a princípio eu pensei que seria tranquila. Não dei a devida importância a montanha. Uma incrível paisagem de parte do oriente boliviano. Deixamos uma caixa no cume para registro de futuros escaladores e uma bandeira de Robore a pedido do Prefeito.

A descida foi brava e com um sol de uns 30 e poucos graus, já sem água desde antes do cume, e racionando água a dois dias, estávamos desidratados e sem comer nada para não sentirmos mais sede e isso pesou muito. A descida foi árdua e confusa, queríamos nos apressar mas o risco iria ser grande, com o desespero da sede. Não conseguíamos pensar direito, a boca e a garganta estavam secas e já não suávamos. Lembrei que deixara meu martelo no cume, e não pude recuperar dois pitons que estavam no caminho. Por volta das 15h00 chegamos na base exaustos pelo calor, fome e sede, mas bem e seguros. Bebemos e comemos como gente grande este dia todo.

No outro dia, a prefeitura de Robore e a sub prefeitura de Chochis nos parabenizaram na praça principal pela conquista, e por ajudar no turismo local com um novo ponto turístico para escaladores de todo mundo que passarem por lá rumo à La Paz e ao Peru.

Um sonho, um projeto realizado

Agradecimentos à:

Rocódromo Montanha Escalada e Resgate, Roupas de Escalada RURP, água Roboré e aos outros membros da equipe de conquista que aceitaram participar deste projeto.

Além de uma loja de equipamentos outdoor você acaba de ganhar um centro de informações

Na Bivak você encontra:

- Assistência na escolha dos equipamentos
- Atendimento personalizado
- As melhores marcas e muito mais!



BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995 - Rua Caramuru, 523
Praça da Árvore - São Paulo
a 2 quarteirões do ☐ Praça da Árvore

11ª MOSTRA INTERNACIONAL DE FILMES DE MONTANHA

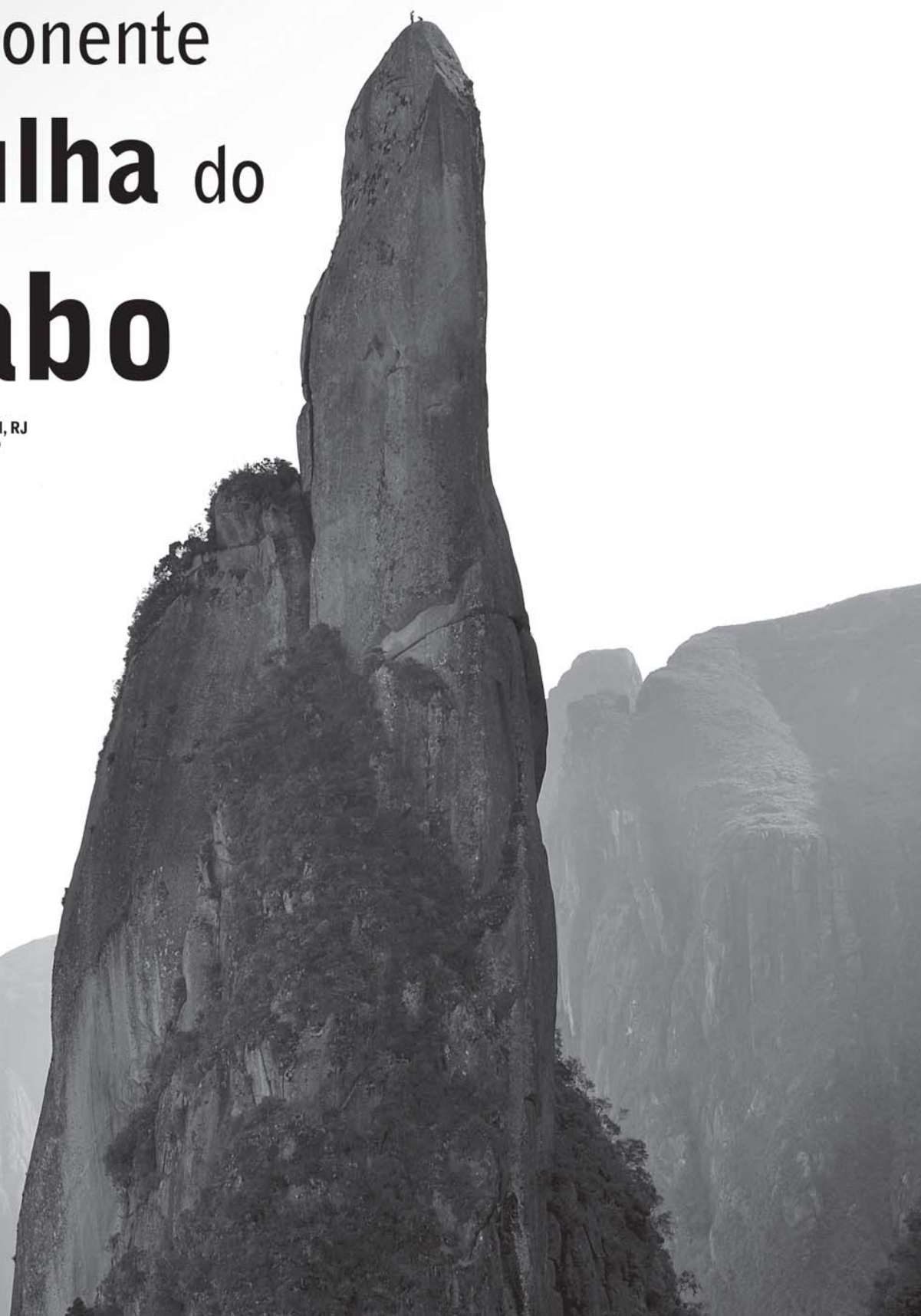
10 a 14 de novembro
NO CINEMA ODEON - RIO DE JANEIRO

MOSTRA COMPETITIVA
MOSTRA BANFF
EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE PEDRO CURY

WWW.FILMESDEMONTANHA.COM.BR

A imponente Aguilha do Diabo

Texto: Frederico Pimentel, RJ
Fotos: Eliseu Frechou, SP



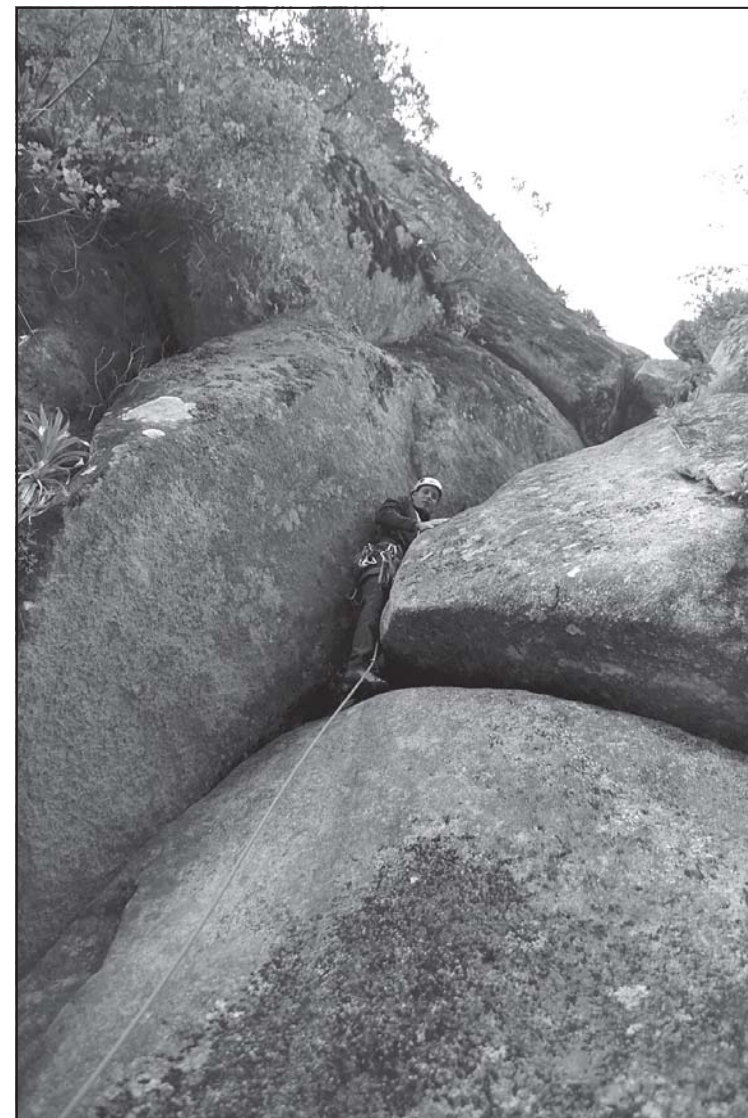
No mesmo ano em que era criado o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, pelo Decreto-Lei nº1822 em 1939, no governo do então presidente Getúlio Vargas, cinco aventureiros davam início a uma grande conquista, e nem imaginavam o quanto repercutiria em todo mundo, a conquista da grandiosa e imponente Agulha do diabo de 2.050m de altitude que só teve término em 1941.

A Agulha do diabo fica situada na unidade de conservação do Nacional da Serra dos Órgãos, seu acesso se dá por árduos 16 km de caminhada, os primeiros 10 km são feitos pela famosa trilha da Pedra do Sino, uma caminhada semi-pesada, todavia bem extensa, chegando ao local conhecido como cota 2.000, deve-se pegar a bifurcação à esquerda, e dar início a trilha Caminho das orquídeas, trilha conquistada pelo lendário Salomith, com intuito de acessar o abrigo 4 quando o mal tempo surpreendia os montanhistas que pretendiam escalar a agulha. Após este trecho nada fica fácil, pois a trilha fica sobre pedras escorregadias quase sempre muito molhadas, o famoso Vale da geladeira, que é o último trecho pra se chegar à base da via.

Na época desta empreitada os protagonistas formados pelo Centro Excursionista Brasileiro foram Giuseppe Toselli, Almy Ulissea, Roberto Menezes de Oliveira, o italiano Raul Fioratti e o alemão Günther Bucheister, foi o fechamento de um período de grandes conquistas no Brasil, principalmente na região do Rio de Janeiro, que se denominava como "era do desbravamento", antes desta conquista, que só iniciou-se

em 1939 e terminou em 1941 grandes vias haviam sido alcançadas como exemplo do próprio Dedo de Deus em 1912, Nariz do Frade em 1933, o casal Wilfred e Sylvia Bendy chegaram pela primeira vez ao topo do Dedo de Nossa Senhora em 1934, Escalavrado e o Cabeça de Peixe em 1931, também em 1931, após várias tentativas, foi realizada, 19 anos depois, a primeira repetição do Dedo de Deus, por Richard Brackmann, Otto Hartmann e Karl Siegel.

Um ano após este lendário período foi aberta a Travessia Petrópolis-Teresópolis 1942, o que cooperou de forma muito enriquecedora para o sucesso desta unidade que obtêm cada vez mais um número expressivo de visitantes, não só na parte alta denominada uso de área extensiva, mas também na parte baixa com atrativos como camping, piscina natural cachoeiras impressionantes e uma ótima infra-estrutura para receber escolas e várias universidades de todo Brasil, sendo a mais de 10 anos a Unidade de Conservação mais pesquisada do Brasil. Recentemente, a comunidade escaladora do Brasil teve mais um motivo pra se orgulhar dessa imponente



► Michel Abdelnur na via Normal da agulha
▼ Frederico assinando o livro de cume



montanha, A Agulha do Diabo, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, foi escolhida por escaladores de todo o mundo como uma das 15 escaladas em rocha mais desejadas de todo o planeta. A pesquisa foi divulgada pelo conceituado site Hottnez, especializado em viagens e aventura. A nossa querida rocha teve a honra de estar entre picos e parques famosos, como o El Captain no Parque de Yosemite, na Califórnia e as Torres Del Paine, no Chile. Outro monumento brasileiro, o Monte Roraima, também está na lista.

Aos amantes da montanha, e que também estão ansiosos para fazer esta maravilhosa escalada vai algumas dicas muito importantes: Atualmente os locais de camping permitidos no PARNASO se restringem as áreas que possuem os

abrigos 4 e abrigo do Açú, outras áreas somente são permitidas em casos de emergência. Todavia para os que forem realizar a escalada da agulha do diabo o uso do camping paquequer é permitido, bem próximo ao local chamado Mirante do inferno no Caminho das orquídeas. O camping paquequer abriga no máximo 6 pessoas tem água potável bem do lado e sua distância para a base da via é de cerca de 1h de caminhada. Lembrando que não somente essa montanha mais para acessar qualquer montanha no interior do PARNASO deve preceder a assinatura do Termo de Ciência de Riscos. Para maiores informações quanto às regras de uso público do PARNASO acesso o site: <http://www4.icmbio.gov.br/parnaso/>



A Nova Era da Pedra do Sino

Texto: Hillo Santana, RJ

Nova rota escalada inteiramente em livre é aberta na imponente Pedra do Sino.

No dia 6 de junho de 2011, quarta-feira partimos do Humaitá, zona sul do Rio de Janeiro, eu Hillo Santana (Brasil), Pablo Toranzo (Argentino), uma equipe de carregadores, outra equipe da SporTV. Saímos do Rio e fomos para o Parque Nacional da Serra dos Orgãos em Teresópolis, lá organizamos os equipamentos e começamos a caminhada até o Abrigo 4 as 9h00. Cada mochila pesava aproximadamente 60kg. Alguns dormiram na trilha, outros voltaram pro Rio e o restante prosseguiu comigo até o Abrigo 4. Devido ao excesso de peso chegamos ao abrigo por volta de 1h00, ou seja, levamos, mas de 15 horas de caminhada. No dia seguinte prosseguimos a nossa caminhada até a entrada do vale, que acessa a base das vias da face sudeste da Pedra do Sino. Porém a equipe que deveria descer o vale até a base conosco, desistiu após 50 metros. Eu e o Pablo tivemos que descer todo os equipamentos o que nos consumiu 8 horas, descendo a vale até a base da via a ser conquistada.

Dia seguinte, pela manhã, iniciamos a conquista da primeira enfiada. Tive muita

difficuldade porque a primeira enfiada da via estava molhada e com limo. As 05h00 do dia seguinte coletamos 100 litros d'água em 50 garrafas de 2 litros e organizamos em três haulbags junto com equipamentos. Finalizei a primeira enfiada, reboquei dois haulbags até a primeira parada. Ao entardecer, uma nuvem cobriu todo o vale, rapelei até a base e montamos o portaledge em uma árvore bem segura e fui dormir as 18h00. Uma hora depois começou a chover no vale, e depois de 20min de chuva tivemos que sair do portaledge, pois o volume de água começou a aumentar assustadoramente. Tentamos guardar alguns equipamentos que estavam fora dos haulbags. A chuva ficava cada vez mais forte, molhando tudo, roupas sleeping bags, calçados, casacos... tudo ficou molhado. Passamos das 21h00 a 01h00 tentando deslocar o portaledge para um local a uma distância de 3 metros, onde não passava tanta água. Preocupado com a hipótese de hipotermia, retornamos ao abrigo 4, le-

vando todas as roupas molhadas para secar. Tivemos que descer até a cidade de Teresópolis para recarregar as baterias e trazer o restante dos mantimentos que estavam guardados na administração do Parque e escondidos nas trilhas. Dormimos no abrigo Serra dos Orgãos do escalador Ivo Júnior. As 13h00 iniciamos a caminhada de 12 km até o Abrigo 4. Antes do sol nascer, descemos o vale e quando estávamos a 50 metros para alcançarmos a base, Pablo caiu e bateu forte com o joelho na pedra e ficou impossibilitado de escalar. Os próximos 3 dias, me dediquei à conquista em solitário e abri uma nova via (variante) até o platô do Escorpião, para podermos nos abrigar da chuva, desta forma eu deixaria uma corda fixa do platô até a base, caso precisássemos bivacar, teríamos uma rota de fuga nos livrando de uma chuva. Reboquei uma parte dos equipamentos e mantimentos até o platô do Escorpião e rapelei no final da tarde até a base onde

tivemos que bivacar, pois o Pablo estava impossibilitado de andar. Ao amanhecer organizamos 2 haulbags e deixamos fixos no alto de uma árvore, subimos até o vale com nossas mochilas e depois das 09h00 chegamos ao abrigo 4. Descemos a trilha até o parque e voltamos para o Rio de Janeiro. Segundo os médicos, Pablo estava com uma fissura de 2mm no joelho o que obrigou a voltar para Buenos Aires. Ia voltar para terminar a conquista em solitário, mas lembrei do grande amigo e companheiro de conquista, Júlio Campanela. Não o encontrei. Rosane Camargo escaladora do RJ procurou por ele e soube que estava fazendo um trabalho industrial e não poderia ir e me comunicou imediatamente. Pedro Aires que iria me ajudar na equipe de base também não pode ir porque o avô dele acabara de falecer. Arrumei a mochila e quando ia partir pra Teresópolis, Lucas "Jha" Marques, falecionista, me telefonou dizendo que gostaria de participar da conquista, mas estava em viagem e que chegaria ao Rio de Janeiro em 4 dias.

Aguardei a chegada dele e do cinegrafista Júlio Blander que não se planejou bem para as filmagens ou talvez não tivesse uma idéia do era e escalada no Sino. Subimos a trilha do Sino na chuva, estava muito frio e forte neblina, pois segundo a previsão climáticas o tempo iria abrir nos próximos dias. Pernoitamos no Abrigo 4 e no dia seguinte fomos no cume do Garrafão onde é possível ver o headwall da Pedra do Sino e a linha onde pretendíamos conquistar e fazer uma boa leitura nos possíveis diedro que o paredão oferece. Em seguida fomos para o vale da Pedra do Sino e descemos pra base da via. Ao chegarmos na base, expliquei ao Lucas o lugar por onde passaria a linha da via e subimos até ao platô do Escorpião pela via que havia conquistado em solitário e bivacamos no platô.

As 06h00 rapelamos até o início da linha original da via e começamos a conquista em uma fenda em S. Os primeiros 20 metros consumiram o dia todo e a graduação sugerida é um 9c. Depois fiz uma horizontal em cliff até um diedro a direita sendo uma alternativa ao lance exposto da via original, faltando 15m para o fim da terceira enfiada, fixei uma chapeleta e voltei ao platô, pois já anoitecia e uma forte neblina dominava todo o vale. No dia seguinte, Jha finalizou a conquista da terceira enfiada em um pequeno platô e iniciou a quarta enfiada com cerca de 35m em livre até o início de um diedro, onde infelizmente foram batidos 2

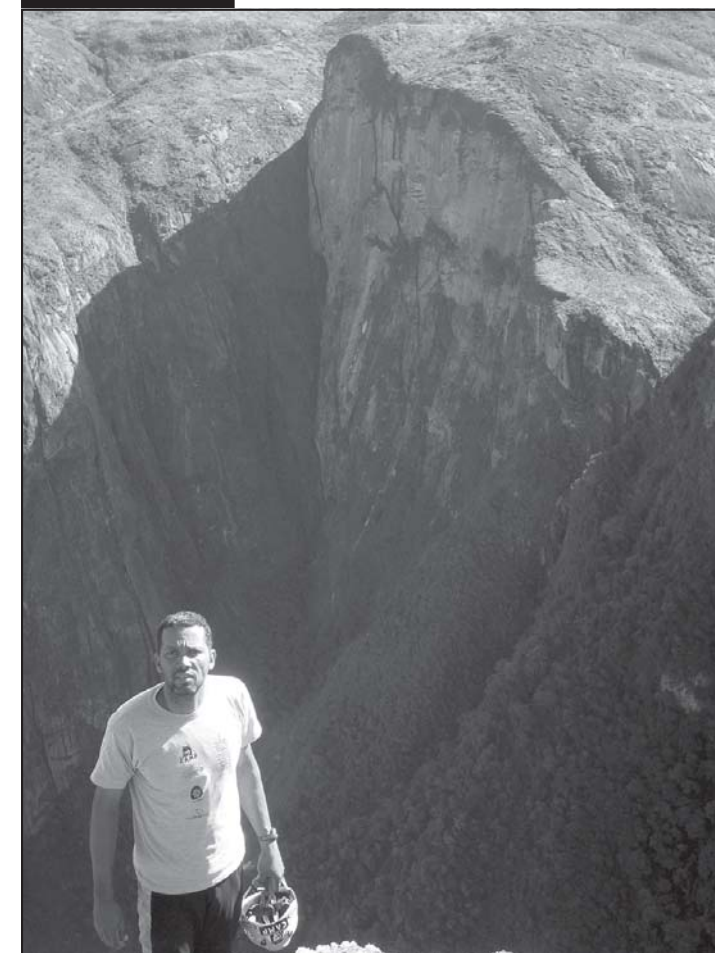
grampos, pois a parada poderia ser em proteção móvel. Guiei um diedro de 35 ou 40m com muitas agarras podres (A3), Jha fez com corda de cima com 5 quedas e estimou um 9c.

Conquistamos a próxima enfiada de 40m, um 8a, quando Jha, o cinegrafista começou a jumarear pelas cordas fixas na base até o platô do Escorpião enquanto, rapelávamos até o mesmo. Julio teve sérios problemas na jumareada pois não conseguia passar o teto onde ficou pendurado e perdeu os sentidos. Desci e fiz o resgate imediatamente.

Jha estava quase desistindo de tudo pois o lugar além de ser majestoso, impressiona e tem muita energia. Quatro dias depois, Diogo Marassi que trabalha no abrigo 4, chegou no vale, na base da via, pois ele sabia que não tínhamos apoio de base e subiu a parede nas cordas fixa e nos deu uma grande ajuda que se assim não fosse, ficaríamos mais um dia da parede.

A idéia inicial era eu conquistar o primeiro A5 brasileiro e também o teto do Gigantes onde teríamos um opção do segmento da via original mas não foi possível porque estávamos com apenas 8 litros d'água e o tempo estava desfavorável. Três dias depois, finalizamos a via. O tempo fechou, muita neblina e forte garoa. Chegamos ao pé da pedra as 18h00, mas só fomos chegar no abrigo 4 as 22h00 por causa da neblina que nos impedia de ver um metro a nossa frente.

Hillo Santana na Pedra do Sino





ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras training systems

Finger board TENDON Lançamento!

TEL: (11) 7122.1271

No dia seguinte voltamos no final da via e levamos o dia inteiro para rebocar 3 haul bags.

Tive que voltar só no dia seguinte pra pegar 2 haul bags pesados, pois o Julio e o Jha preferiram voltar pro Rio e me deixaram sozinho nesta empreitada. Organizei e arrumei todos os haul bags e guardei no Abrigo 4 onde o Cláudio, Diogo e Oliveira responsável pelo Abrigo nos receberam muito bem desde o início e nos deram todo o apoio possível. Aguardei mas 2 dias na esperança de alguém vir ajudar a descer os haulbags pois, havia enviado mensagens para todos. Decidi descer e ir para o Rio e voltar com uma equipe, mas felizmente, depois do Vêu da noiva encontrei 3 amigos que estavam subindo para ajudar a descer alguns equipamentos. Tive que voltar 6 dias depois pois os 3 amigos não foram o suficiente pra descer tudo. Nomeei a via de Nova Era porque esta surgindo no horizonte da vida humana assim como profetizou Jesus há dois mil anos! É chegado o momento da grande transição e os trabalhadores do Cristo precisam estar preparados para melhor vivenciar este momento da história da humanidade.

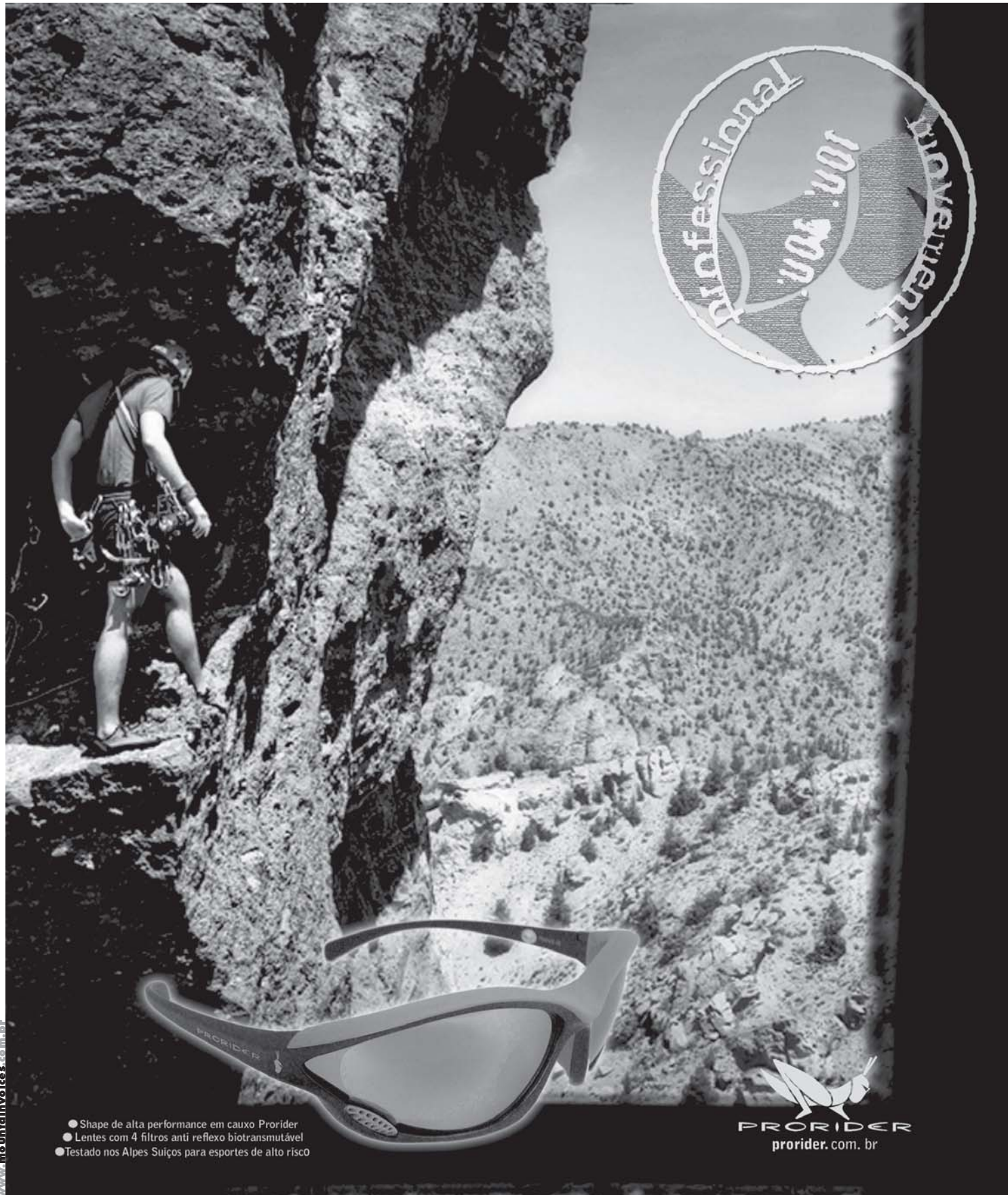
Agradeço desde já a equipe, que nos deu todo o apoio direta e indiretamente. Aos patrocinadores: Camp, Cassin, Lá Sportiva, Martino Singenberger www.verticale.com.br Deuter www.deuter.com.br Pinceton Tec www.pincetonotec.com.br Sea to Summit, Kiko Marcos Araújo Safrá Wine Store Carlos Sanmiguel Crux Ecoaventura Marcelo Parque Nacional da Serra dos Orgãos.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br



Rua Apeninos 803, São Paulo SP
11 3562 1801



- Shape de alta performance em cauxo Prorider
- Lentes com 4 filtros anti reflexo biotransmutável
- Testado nos Alpes Suiços para esportes de alto risco

Pensamentos ao vento

"E encontrei tanta liberdade como segurança em minha loucura, a liberdade da solidão e a segurança de não ser compreendido, pois aquele que nos compreende escraviza alguma coisa em nós." Khalil Gibran - O louco

ALESSANDRO HAIDUKE | PR

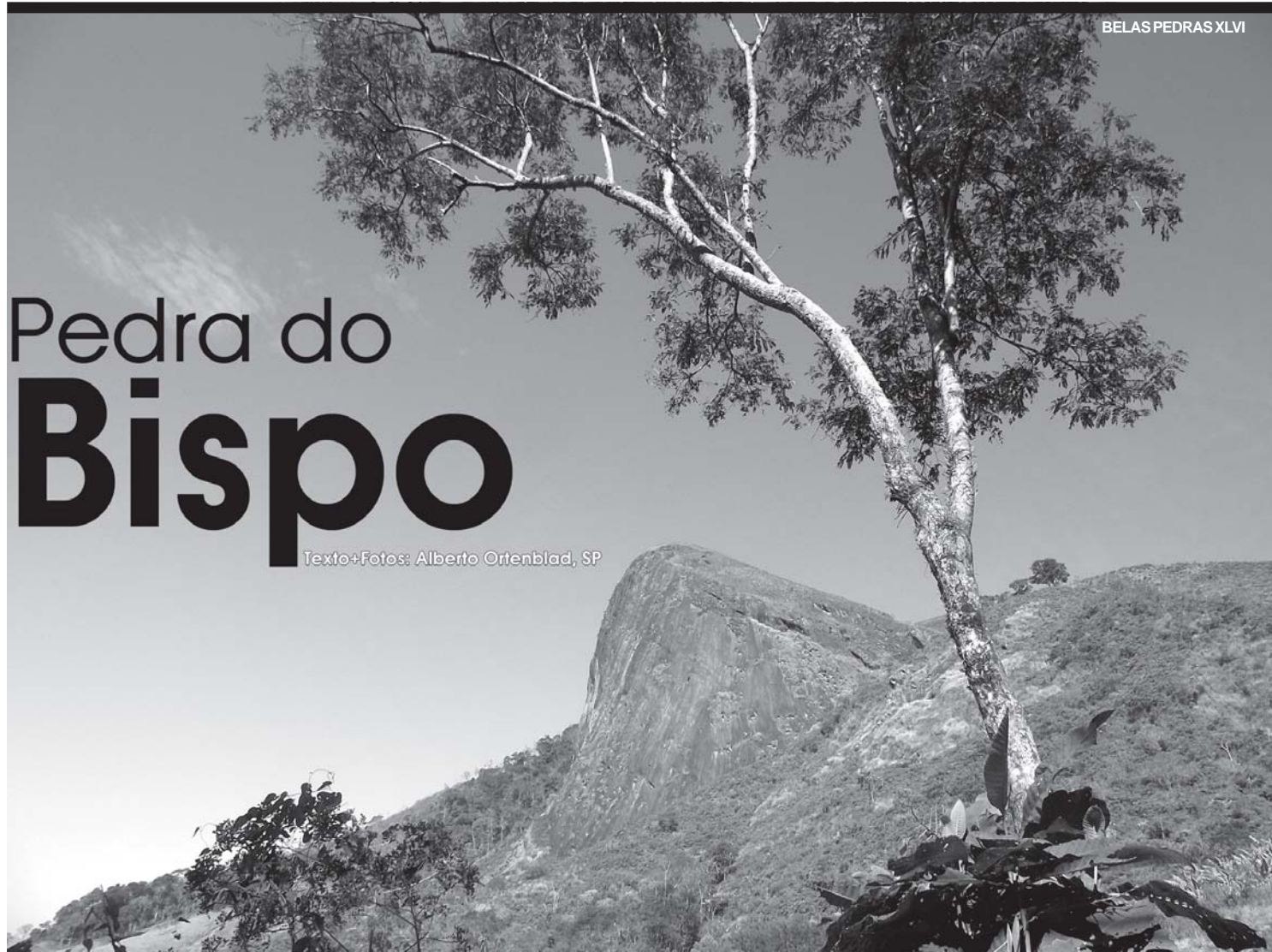
Havia aceitado o convite do argentino:
- Venha comer um legítimo cordeiro patagônico *mañana*, amigo. Soltando um longo sorriso ao final.
A festa reunia muitos *gauchos*, com alguma exceção (eu). Eram pessoas ligadas diariamente à criação de ovelhas e à extração de lã. Perguntava-me como poderiam estes animais viver em um lugar assim, sem saírem voando, literalmente, com os temperamentos do vento?
As cuias com *yerba mate* e água quente estavam sempre presentes. Assim como os ventos brotavam sem cessar na Patagônia, as palavras davam vida às estórias que alegravam a roda formada ao redor da cuia.
Falavam do início da povoação desse lugar; da escassez dos pastos em determinadas épocas de estiagem; dos predadores que, ao pequeno descuido, matavam as ovelhas; dos ventos que zangados enlouqueciam até o mais são dos homens; dos duelos com as lâminas afiadas; dos cavalos... Fantasmas de um tempo quando este lugar ainda era o fim da Terra.
Atentamente eu procurava entender as palavras, as gírias campeiras dificultavam a compreensão. A reunião recordava um quadro antigo: homens com suas bombachas, seus laços de couro, seus chapéus e principalmente suas facas ostentadas ao cinto, com orgulho.
Dom José, o *asadador*, era muito respeitado, não era um título para qualquer um. Ele cuidava dos cordeiros esticados nos espetos em forma de cruz, com o cuidado como se ainda estivessem vivos. Não cansava de dizer aos companheiros:
- Um bom assado exige paciência, muita paciência.
Enquanto o cordeiro não ficava pronto, as estórias apaziguavam as barrigas vazias.
Anônimo, eu ficava encostado nos cantos observando, tentando encontrar uma oportunidade para compartilhar o chimarrão e as estórias.
O argentino deu um grito:
- Venha sentar-se conosco *hermano*.
Recebi olhares desconfiados, de estranhamento, sabiam que eu não pertencia a aquele mundo, era um estrangeiro pedindo passagem...
As estórias continuaram:
Sou nascido e criado aqui, minha vida é sobre um cavalo, não tenho temperamento para a lavoura. Meu irmão é o vento, nos entendemos bem apesar de nossos entrevos constantes. Nunca pensei em deixar este lugar, aqui abri meus olhos pela primeira vez e é aqui que eu quero fechá-los. Nem mesmo agora que o trabalho com as ovelhas é tão escasso e os estancieros já venderam quase todas as terras para os gringos, não sei para quê...
Hoje aparecem muitos gringos para conhecer os cerros. Antigamente era diferente, as habitações eram poucas assim como os visitantes.
Em um ano e dia que não me recordo, conheci um gringo, era um tipo esquisito, cabelos longos despenteados, creio que seu nome era Marco.

Vinha de longe para subir as montanhas, falava um espanhol enrolado, com alguma dificuldade conseguia compreendê-lo.
Dizia que estava aqui para subir La Torre, o cerro tímido que prefere a companhia das nuvens aos olhares humanos. Dizia que iria escalar a montanha sozinho sem nenhum companheiro, duvidei que conseguisse...
O sujeito contratou-nos para levar sua bagagem e de alguns amigos para a laguna Torre, onde montariam suas barracas. Seus amigos traziam muito equipamento, câmeras para filmar a escalada, um tipo mais esquisito que o outro, vocês acreditam?
A estória daquele homem ficou em minha cabeça e como um amigo trabalhava no acampamento da laguna, escutava alguns comentários.
Nos poucos momentos que as nuvens saíam, olhava para a montanha e tentava enxergar algo, é claro que não conseguia. Eu não entendia nada de subir montanhas, mas pelas estórias e comentários sabia que era um trabalho difícil. Será que o gringo conseguiria escalá-la?
Nunca em minha vida imaginei subir alguma dessas montanhas, são assuntos que ignoro. Nessa labuta diária não sobra tempo para miudezas. Mas gosto delas do meu jeito não importa a época, se no verão com suas pedras em tons alaranjados ou no inverno todas vestidas de branco.
Passou um tempo e quase esqueci do assunto, o trabalho era demasiado...
Meses depois escutei sobre um homem que havia escalado La Torre sozinho, lembrei do gringo. Falavam que o tipo subia a montanha de camiseta naquele frio. Eu não acreditei, só vendo... E ainda dizem que subiu mais algumas vezes com os companheiros para filmar... Quería ter visto na TV...
Quando sobrava algum tempo, vinham à cabeça umas interrogações sobre os motivos que faziam os homens sofrerem tanto para subir uma montanha, quem sabe podiam até morrer naquele gelo todo, dizem que muitos já morreram. E falam que dinheiro os sujeitos quase não ganham, gastam é mais...
Por que então seria?
Eu também sofro aqui nesse lugar, mas o meu motivo é outro, agarrar a vida, ter o que vestir e o que comer.
Não sei, mas um bom motivo deve existir? Será que não?
Encontrei outros homens que iam as montanhas, tinha até alguns argentinos. Depois que subiam as montanhas eles voltavam com um olhar estranho, cheio de contentamento, mistérios...
E o tal de Marco, dizem que algum tempo depois



Xilogravura "Cerro Torre - Face Oeste" Alessandro Haiduke

morreu em um cerro distante, sozinho. Na vida e na morte, companheiro de si mesmo.
Já me convidaram para ir ao pé dos cerros, mas não vou não. Prefiro vê-los daqui, têm mais segredos. É no distante que se percebe a sua imponência quebrando a planura dessas terras. Uma coisa tenho certeza, esses gringos vêm, sobem as montanhas e vão embora. Eu penso diferente, fico aqui o ano inteiro, não importa o calor, o frio, o vento. Sempre estou aqui para saudá-las quando não resta quase ninguém a
lhes fazer companhia e elas ficam quase que esquecidas.
- O *asado* está pronto!
Os *gauchos* largaram as cuias e as estórias e foram comer o cordeiro. Lá eu fiquei, com meus pensamentos ao vento.
"A Patagônia sempre foi mais uma idéia que um lugar". Pablo "Polly" Walker



Pedra do Bispo

Texto+Fotos: Alberto Ortenblad, SP

Na edição passada escrevi sobre a Ilha Grande. Foram algumas viagens até Angra dos Reis, lá tomando um barco para a ilha. Sempre que passava pela rodovia que desce de Rio Claro para Angra, ficava admirando o desenho imponente da Pedra do Bispo, à direita da estrada. Muitas vezes imaginei quando poderia tentar o seu cume. Tanto a trilha como o visual da Pedra do Bispo superaram as minhas expectativas, como você descobrirá a seguir.

A História

É bem fácil chegar a Rio Claro, pois a cidade é cortada pelo asfalto que desce para Angra dos Reis, partindo de Barra Mansa na Via Dutra. São 200 km do Rio e 350 km de São Paulo, atravessando as colinas do Vale do Paraíba. Note que não é a cidade de Rio Claro em São Paulo, e sim a do Rio de Janeiro.

Como ocorre com as cidades nas encostas do Vale, Rio Claro foi fundada no século XVII, como resultado do tráfego gerado pela mineração - o ouro descendo para o litoral e os mantimentos subindo para o interior. No século seguinte, teve seu apogeu com o ciclo do café, quando as terras do Vale eram as mais produtivas e cobizadas do país.

Mas a história desta região começou na realidade com São João Marcos, que foi a primeira das vilas, anterior a Rio Claro e Lídice. Foi lá que se estabeleceu o maior cafeicultor da época, o

Comendador Breves. Era dono da Fazenda da Grama e suas propriedades iam de Mangaratiba a Pirai. Mesmo com a migração do café, São João Marcos continuou como uma vila de porte médio, até seu fim catastrófico.

Nos inícios do século XX, a cidade do Rio sofria de um mau abastecimento de água. Para saná-lo, foi projetado o represamento do Ribeirão das Lajes, cujas águas eram mais limpas que as do Paraíba. Elas haveriam de subir 4 metros, mas o Governo decidiu ser preferível um nível 12 metros acima.

Com este novo nível, São João viria a ser inundada, pois ficava num vale fundo e próximo (você pode enxergá-lo à sua esquerda, a meio caminho entre Rio Claro e Mangaratiba). A população começou a abandonar a cidade e as casas, a serem demolidas. Porém, quando o lago se formou, as águas chegaram apenas a metade da cidade: ela foi destruída inutilmente, por um estúpido erro de cálculo.

São João Marcos era uma cidade linda, uma Parati rural, pequena e graciosa no seu formato radial, como pode ser verificado pelas fotos antigas e pelas atuais escavações. Ao longo dos anos, cresceu no seu solo um surpreendente bosque de suenãs. Suas altas copas de flores vermelhas hoje sombreiam de forma mágica as ruínas dessa cidade inutilmente desparecida.

Existem também os vestígios da antiga estrada imperial, que escoava a produção desta vila através do porto de Mangaratiba e dele trazia a mão de obra dos escravos. Foi uma das primeiras estradas de rodagem do Brasil. Nas proximidades, está a Ponte Bela, que sobreviveu à ação do tempo, apesar de parcialmente submersa.

A Trilha

Não conheço uma explicação satisfatória para o nome dado à Pedra do Bispo. Dizem que lá foi um dia rezada uma missa, mas desconfio que não haveria um padre tão jovem e atlético, nem muitos fiéis dispostos a tão árdua subida. A mim parece que, como na realidade são duas as pedras, uma ao lado da outra e ambas pontiagudas, seu aspecto conjunto lembra o de uma mitra, ou seja, o chapéu usado pelos bispos.

Apesar de seu aspecto impressionante, é relativamente fácil subi-la. Sua parede está muito próxima da cidade, desta forma criando uma impressão de ser inacessível devido à sua acentuada verticalidade. Para chegar lá, você deve sair do centro de Rio Claro, seguindo 5 km por uma precária estrada de terra, que vai piorando à medida que sobe. O seu trecho final é uma rampa à direita que exigirá um veículo com tração. Mas ela logo termina numa porteira, onde a trilha começa.

O caminho é bem definido, seguindo sem bifur-

cações no rumo oeste. Tem cerca de 3,5 km, o que deverá lhe tomar até 1½ horas. Ele é uma rampa em geral aberta, com uma ampla visão dos vales abaixo e uma interessante mudança de vegetação. No início, você atravessará um pasto, passando inclusive por um curral, e em seguida percorrerá uma mata curta. A partir de um colo na serra logo após uma segunda porteira, chegará por fim a um campo elevado, onde você subirá à esquerda.

Existente um cruzeiro no cume, a 1.300m de altitude - pelo menos, esta foi a indicação de nosso GPS. Entretanto, você encontrará com frequência a menção a 1.400m. É uma trilha íngreme, com uma ascensão de 550m e um aclave acima de 15%, quase sempre com a poderosa visão da pedra bem acima de você. Mas não é uma subida árdua - a maior dificuldade vem depois, quando você contar as mordidas de carrapato. Elas ainda existem enquanto escrevo este artigo, um mês depois!

O panorama do cume é muito interessante, com os amplos campos montanhosos à sua frente, fechados pela distante Serra do Piloto. O Sertão do Sinfrônio estará à sua direita e, logo a seguir, a imensidão da Serra da Bocaina, com o peculiar desenho da Pedra do Frade ao sul. Na direção oposta, existe a parede da outra pedra ao lado, que forma com a do Bispo este belo conjunto.



Rocha e gelo nos Andes

Bolívia

Texto: Carlos Lorenzo, MG

No dia 18 de julho de 2011, partimos para nossa primeira viagem internacional para escalar, eu, o Valdeci de São Thomé das Letras-MG e o João Batista Babu de Três Corações-MG. Tudo que nos esperava era diferente: o país, o povo, o idioma, o terreno. A expectativa era grande. Teríamos apenas oito dias para tudo isso e dois dias de viagem.

A viagem estava sendo planejada há algum tempo. Escolhemos a Bolívia devido ao custo acessível e as facilidades de se escalar em alta montanha, a Cordilheira Real possui um grande número de montanhas com mais de 5000m. Até a compra das passagens foi cuidadosamente pesquisada. Hoje se pode ir a Bolívia, escalar e fazer turismo a preços inferiores que o norte do Brasil!

Nosso primeiro dia em La Paz foi de muita procura por uma empresa para nos dar o apoio que necessitávamos. E optamos em contratar a empresa Albert Bolívia Tours, que fica na Calle Illampu, 742 (info@hikingbolivia.com). Esta empresa foi a que nos ofereceu mais vantagens e um ótimo atendimento. Nesta mesma rua se localizam inúmeras agências, lojas de equipamentos e hotéis com diárias variadas e todos muito baratos. Depois de resolvido esse detalhe, partimos na pressa, empolgados demais e na pilha para uma escalada de aclimação no Cerro Charkini. Uma montanha de 5392m. Com um nível médio de dificuldade, mas, que nos ajudaria a aclimatar e praticar as técnicas de escalada em gelo e neve. Esta montanha fica a uns 25km de La Paz e tem uma caminhada de aproximação na beira de um precipício impressionante, até um glaciar. Depois, de volta a cidade ficamos mais dois dias fazendo turismo e descansando para melhorar a aclimação e depois irmos ao foco principal: o Huayna Potosi com 6088m.

Quando se contrata uma empresa, ela fornece toda logística: transporte, alimentação, equipamentos e guias. Quanto a isso já estávamos tranquilos. A facilidade de fazer uma trip dessas é bem grande. Se estiver sozinho, é só se entrosar num grupo da própria empresa e ir para a montanha.

No sábado preparamos todo equipamento: grampons, piqueta, polainas, luvas, etc... e de volta num minibus entupido de gente e mochilas, rumamos ao refúgio baixo do Potosi. Logo que chegamos ao refúgio nos equipamos e fomos praticar escalada em gelo na Velha Geleira. Nesta noite o Valdeci foi pego por uma gripe inconveniente e decidiu voltar a La Paz no outro dia. Então, eu e o João Batista Babu subimos para o refúgio alto. Foram algumas horas

numa trilha forte e muito íngreme que no final misturava gelo e muita pedra solta. Lá no refúgio ficamos aguardando a hora do ataque ao cume e nesse meio tempo nos alimentamos e ouvimos muito rock and roll junto a outros escaladores. Por volta da meia noite, depois de um bom sono, estávamos lá preparando os equipamentos e focados na subida. Iniciamos a subida à 1h00 da madrugada. Só se via os focos das headlamps em meio aquele mundo de neve. Subimos por horas seguidas e depois de 4h30 eu não agüentei mais, a altitude começou me minar, eu não conseguia respirar direito, minhas pernas começaram a falhar e foi aí que eu pensei: é melhor descer agora do que 'bater os pinos' mais acima e dar trabalho prá descer. Na descida é que eu vi quanto havia subido, cheguei a 5700m. O Babu chegou ao cume e por um descuido o celular dele congelou e não temos nenhuma foto do cume.

A Bolívia é um lugar de muitos contrastes, um país muito interessante e bem acessível aos brasileiros, nossa moeda lá é bem valorizada e ali é tudo muito barato. O lugar também é propício para escalada esportiva em rocha de fácil acesso, ao sul de La Paz, o Valle de Aranjuez, um point com 80 vias de graus variados e num conglomerado interessante. Como em toda viagem temos que ter cuidados com a higiene, por isso, é bom evitar alimentos crus, como saladas e comidas de origem animal, pelo menos antes das escaladas. Uma virose não é nada agradável e pode por a perder toda viagem. Vale muito a pena se organizar e ir à Bolívia, suas montanhas são maravilhosas e de deixar muitas lembranças boas. Infos: www.umesmontanhismo.blogspot.com

Para esta trip tivemos o apoio de nossas esposas com a condição de trazerem alguns presentes para elas.



PREPARE-SE PARA CURTIR A NATUREZA

mochilas • alforjes • mochilas de hidratação • purificador de água • bolsas estanques para máquinas e celulares • bandana multiuso • mosquetões • ferragens para escalada • cadeirinhas • cordas e cordeletes • fitas • kit slackline • capacetes • fogareiro • alimentação liofilizada • repositor hidroeletrólítico em pastilhas • calçados • calças • casacos • meias especiais para caminhada • canivetes • lanternas • canil • sacos de dormir • barracas



Avenida Treze de Maio 47, sl. 102, Centro, Rio de Janeiro - RJ
www.adventura.com.br | loja@adventura.com.br | (21) 25242208

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

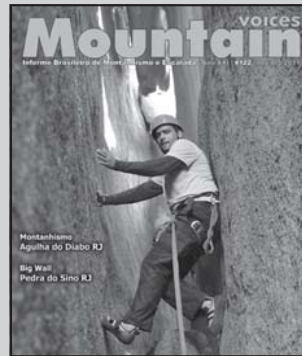
ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Frederico Pimentel na primeira chaminé da Normal da Agulha do Diabo, PNSO, RJ
Foto: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/03/2012.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....)
 E-mail.....
 Idade Profissão.....
 Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder
 () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
 () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 () Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
 () DVD Karma - R\$ 25,00
Total00

122

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo



Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

Equinox

A Mais Completa Loja de Escalada e Montanhismo da Web!

E com os melhores preços também!



**Classic Mat
Camp Cassin**



Cordas Edelweiss



Grigri 2



Botas Hi-Tec



Lanternas Black Diamond



Luvas Black Diamond




Gridlock Black Diamond

**Venha Conferir:
loja.equinox.com.br**


All you need is love.

Sua paixão pela montanha, a nossa paixão pelos produtos




Armour

- Design moderno.
- Regulagem rápida e porta lanterna.
- 6 cores vivas nas versões masculina, feminina e para criança.
- Peso: 340 g




Jasper CR 3

- Para Escalada e Alpinismo. Totalmente regulável. Com sistema único de centralização do cinto e ajuste de pernas.
- Interior confortável em tecido 3D e composição externa em nylon de grande resistência a abrasão.
- Único com Loop central duplo, proporcionando maior eficiência e segurança.
- 4 racks / porta equipo. - Peso: 425 g




Nano 23

- O mosquiteiro mais leve do mundo, essencial em longas vias de parede.
- De fácil manuseio.
- Peso: 23 g (Nano 23)



Chunky Chalk

- Magnésio em pó de alta qualidade.
- Menos suor, mais aderência.
- Maior rendimento.
- Embalagem zip-lock de 300 g



CAMP

www.camp.it

vertical@vertical.com.br
tel. +39 0434 11665 - Rio de Janeiro

CONQUISTA

Softshell Block4000



SUPER LANÇAMENTO!

conquistamontanhismo.com.br